

O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO EM RELAÇÃO ÀS CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

THE ROLE OF THE PSYCHOPEDAGOGUE IN RELATION TO CHILDREN AND ADOLESCENTS WITH LEARNING DIFFICULTIES

EL PAPEL DEL PSICOPEDAGOGO CON LOS NIÑOS Y ADOLESCENTES QUE PRESENTAN DIFICULTAD DE APRENDIZAJE

Andressa Anita Santos¹
Karyn Teixeira de Lemos²

Resumo

Não se pode negar que a atuação psicopedagógica, bem como os fatores envolvidos na aprendizagem escolar, contribui para o desenvolvimento de competências e habilidades de cada aluno que possui algum tipo de dificuldade no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, o principal objetivo dessa pesquisa é analisar o papel da psicopedagogia, identificando as práticas psicopedagógicas e sua inserção nos ambientes escolares. Trata-se de um estudo bibliográfico com coleta de informações em fontes de pesquisa, levantando um acervo teórico rico sobre essa temática em sites como SciELO e Google Acadêmico. Muitos tipos de análise de práticas psicopedagógicas foram desenvolvidas nos últimos anos, com destaque para a relação entre o trabalho do psicopedagogo e sua interferência na escolarização. Portanto, os resultados desse estudo revelam que a psicopedagogia possui um importante papel, visto que está, particularmente, interessada nos métodos e práticas psicopedagógicas, com o intuito de auxiliar crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem, especialmente, no contexto escolar.

Palavras-chave: psicopedagogia; aprendizagem; dificuldades de aprendizagem.

Abstract

It is an irrefutable fact that psycho-pedagogical work, in conjunction with the variables inherent to the educational process, plays a pivotal role in the advancement of competencies and skills among students who encounter challenges in the learning environment. In this regard, the principal objective of this research is to examine the role of psychopedagogy, delineating psychopedagogical practices and their integration within the context of school environments. This is a bibliographical study that collates information from research sources, surveying a plethora of theoretical literature on this subject on websites such as SciELO and Google Scholar. In recent years, numerous analytical approaches to psychopedagogical practices have been developed, with a particular focus on the relationship between psychopedagogues and their impact on educational settings. The findings of this study indicate that psychopedagogy plays a significant role in addressing learning difficulties among children and adolescents, particularly within the school context.

Keywords: psychopedagogy; learning; learning difficulties.

Resumen

No se puede negar que la actuación psicopedagógica, así como los factores involucrados en el aprendizaje escolar, contribuyen al desarrollo de las competencias y habilidades de cada alumno que ha tenido algún tipo de dificultad en el proceso de enseñanza y aprendizaje. En ese sentido, el principal objetivo de esa investigación es analizar el papel de la psicopedagogía, identificando las prácticas psicopedagógicas y su inserción en los entornos escolares.

¹ Egressa do curso de Licenciatura em Psicopedagogia no Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: andressamedicinal@gmail.com

² Professora da Escola Superior de Educação, Humanidades e Línguas no Centro Universitário Internacional (UNINTER). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional. E-mail: karyn.t@uninter.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5935-5864>

Se trata de un estudio bibliográfico con recogida de información en fuentes de investigación, produciendo un rico acervo teórico sobre dicha temática en sitios como Scielo y Google Académico. Muchos tipos de análisis de prácticas psicopedagógicas se han desarrollado en los últimos años, destacando la relación entre el trabajo del psicopedagogo y su interferencia en la escolaridad. Por lo tanto, los resultados de ese estudio revelan que la psicopedagogía tiene un papel importante, ya que está particularmente interesada en los métodos y prácticas psicopedagógicas, con el fin de ayudar a niños y adolescentes con dificultades de aprendizaje, especialmente en el contexto escolar.

Palabras clave: psicopedagogía; aprendizaje; dificultades de aprendizaje.

1 Introdução

Sabe-se que, em comparação com outras crianças, especialmente no ambiente educacional, crianças e adolescentes com dificuldade de aprendizagem apresentam certa desvantagem no desempenho escolar. Além disso, é importante levar em consideração que características individuais, experiências em ambientes familiares, escolares e aspectos socioculturais podem influenciar o desempenho acadêmico de crianças e adolescentes de diferentes maneiras.

Devido a isso, a interferência psicopedagógica nas dificuldades de aprendizagem é um fator essencial, visto que sujeitos com dificuldades, sejam elas cognitivas, auditivas, visuais ou sensoriais, necessitam de um novo olhar. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece alguns objetivos de aprendizagem em diferentes etapas e, portanto, o objetivo que se propõe à Psicopedagogia é o auxílio nesse processo de aprendizagem.

À luz dessas considerações, o principal objetivo desse estudo é analisar o papel da psicopedagogia no que tange as dificuldades de aprendizagens apresentadas por crianças e adolescentes no espaço escolar. Por meio dos objetivos, pretende-se abordar acerca da aprendizagem significativa, identificar os principais tipos de dificuldades de aprendizagem e investigar as intervenções psicopedagógicas. A fim de responder aos objetivos propostos foi levantado o seguinte questionamento: qual a relevância das práticas psicopedagógicas no estabelecimento de uma aprendizagem significativa?

O que se propõe, nesse estudo, é um tipo de análise que deve ser duplamente contextualizada, logo, esse trabalho se justifica pela sua relevância para toda a área acadêmica que deseja se atualizar sobre as dificuldades de aprendizagem e as práticas pedagógicas. É um estudo de cunho bibliográfico, haja vista que, a partir de leituras, resumos e fichamentos em sites, como SciELO, Capes e Google Acadêmico, foi possível analisar concepções de aprendizagem e intervenções psicopedagógicas, a partir de autores como Haddad (2020), Santos (2014), entre outros.

Descobrir o prazer de comunicar os pensamentos, emoções, de saber, de raciocinar e de como organizar as atividades e personalidade, tanto em seu raciocínio como em suas relações com os outros, é essencialmente importante para as crianças e adolescentes que frequentam uma sala de aula. Além disso, ter a sensação de ter boas habilidades pessoais aumenta a autoestima da criança, na medida em que essa é valorizada pelos adultos.

A aprendizagem é um ciclo virtuoso que promove tanto a aquisição de conhecimento quanto o comportamento social, a escola também oferece uma experiência de socialização insubstituível, pois estimula crianças e adolescentes a se socializarem com colegas de outras origens, com histórias de vida e hábitos diferentes. Portanto, quando o psicopedagogo intervém, juntamente com os professores, avaliando o aluno em todas as suas dificuldades, o aprendizado significativo flui.

2 A aprendizagem significativa

A forma como as crianças se desenvolvem, transformam e comunicam seus conhecimentos, individual ou coletivamente, tem implicações importantes em todos os níveis da organização de uma sociedade, a qual requer o desenvolvimento de pesquisas, inovações e intervenções constantes. Essas preocupações cobrem, na verdade, áreas tão vastas quanto a aquisição da linguagem pela criança, a criatividade, educação, formação e desenvolvimento de pensamento crítico.

Ao nível da escola, por exemplo, e durante séculos, os pedagogos desenvolveram técnicas variadas para melhor instruir os alunos, assim, com o passar do tempo, foram se estabelecendo diferentes tipos de métodos e materiais de aprendizagem, conforme explica Piletti:

Se há uma verdade em Pedagogia, não pode ser outra que esta: todos os seres humanos, sem exceção, não importam idade ou sexo, cor da pele ou situação socioeconômica, crença ou ideologia, são capazes de aprender. Diferentes podem ser o ritmo e a velocidade, os materiais e os métodos, as condições pessoais e o contexto da aprendizagem. Diversos também serão também as intenções e objetivos, as motivações e os interesses, mas desde que os fatores necessários estejam presentes, não resta dúvida de que ocorrerá a aprendizagem (Piletti, 2004, p. 11).

Desse ponto de vista, compreende-se que a pesquisa desde o início do século XX tem sido particularmente rica em inovações de todos os tipos de métodos de aprendizagem, incluindo a pedagogia ativa. A formação profissional acompanhou esse movimento, oferecendo reflexões sobre o trabalho individual, ou colaborativo, tão específico e variado quanto seus diferentes ramos, qualificações, professores e técnicas de ensino para a aprendizagem.

Uma aprendizagem pode ser mecânica e pode servir a um objetivo específico, por exemplo, responder a um exame, mas não acrescenta muito interesse ao aluno para que ele possa se envolver. Se o material a ser aprendido fizer sentido para o aprendiz, seu conhecimento será ampliado. David Ausubel (1982), no contexto da psicologia da aprendizagem, define esse tipo de aprendizagem como aprendizagem significativa.

David Ausubel foi um teórico da aprendizagem cognitiva que se concentrou na aprendizagem de disciplinas escolares e colocou um interesse considerável no que o aluno já sabe, sendo esse o principal determinante do que será aprendido a seguir. Ausubel viu a aprendizagem como um processo ativo, não simplesmente respondendo ao seu ambiente, em que os alunos procuram compreender o que os rodeia, integrando novos conhecimentos aos que já aprenderam.

Para Kleinke (2003), a aprendizagem significativa se desenvolve quando novas informações estabelecem relações com informações já existentes na estrutura cognitiva do indivíduo, uma abordagem tem relação com a rede semântica. Quando alguém encontra um material desconhecido, completamente novo, ocorre o aprendizado mecânico, em oposição ao aprendizado significativo. Essa aprendizagem mecânica pode, eventualmente, contribuir para a construção de uma nova estrutura cognitiva que poderá ser usada na aprendizagem significativa.

É imperativo que os professores mudem de uma abordagem centrada no conteúdo para uma mais preocupada em responder à construção de um aprendizado que seja significativo para seus alunos. Para Ausubel (1982) a aprendizagem seria significativa por meio da combinação das seguintes seis dimensões de aprendizagem: conhecimento fundamental, aplicação, integração, interesse, aspecto humano e conhecimento dos mecanismos de aprendizagem.

Compreender essa dinâmica permitiria aos professores desenvolverem, de forma mais criativa, situações de aprendizagem interessantes e significativas para seus alunos. Todo o percurso parte da ideia de que o espaço é um elemento fundamental para favorecer a integração das pessoas com deficiência. O espaço ensina e inclui, assim como afeta os aspectos cognitivos e, portanto, a aprendizagem e o ambiente físico desempenham um papel importante na determinação e no manejo da deficiência, podendo, em alguns casos, acentuá-la ou facilitar a superação.

Barone e Andrade (2012, p. 50) trazem contribuições para esse estudo, ao enfatizarem que “a proposta da teoria sócio-histórica, ao discutir a relação desenvolvimento-aprendizagem, aponta que a aprendizagem gera desenvolvimento, ou seja, o desenvolvimento é impulsionado pela aprendizagem”. Essa condição, não está ligada exclusivamente às características físicas, mas relacionada a uma série de variáveis que derivam do contexto em que o indivíduo interage.

Nesse sentido, compreende-se que o local onde o aluno realiza a sua atividade didática é também o local onde nascem e se constroem as relações pessoais que, por sua vez, têm impacto no seu processo de crescimento e desenvolvimento. Organizar os espaços escolares de forma inclusiva significa garantir a plena participação nos processos de aprendizagem para todos, a fim de garantir o bem-estar emocional, respeitando as diferenças dos estudantes. Para além disso, desenhar o espaço escolar significa, inicialmente, pensar nas diferentes situações didáticas que podem ser escolhidas, o conceito de diversidade em todos os seus sentidos, o qual exige um ambiente seguro e enriquecedor, que reflita as diferenças individuais de cada aluno nas necessidades de formação e nas demais situações educacionais.

2.1 Psicopedagogia e o fazer pedagógico

A educação passa pelos processos comunicativos que regulam a relação entre um indivíduo mais competente e um menos competente naquele contexto, permitindo a transmissão do primeiro para o segundo de conteúdos culturais, de comportamentos e modos de raciocínio próprios da comunidade social a que ambos pertencem. Esses são processos comunicativos que permitem a aprendizagem, resultado natural de uma relação social educativa.

O termo educação deriva do latim *educare*, do qual são indicadas duas origens e dois significados distintos como *édere*, que significa “alimentar-se” e *ex-dúcere*, que significa “tirar” (Lima; Castro; Araújo, 2006). A educação é o conjunto de processos e ferramentas por meio dos quais uma sociedade transmite o patrimônio de conhecimentos, valores, tradições e comportamentos que a caracterizam de uma geração para a outra.

De acordo com Terra “para Confúcio, a missão fundamental da educação é ensinar a cada um, desde os primeiros anos de vida, como seguir na senda do saber cuja direção é a instrução” (2014, p. 21). Tudo isso significa que qualquer relação entre indivíduos com diferentes graus de competência pode ser educacional e, portanto, que os processos e sistemas educacionais permeiam toda a estrutura social em vários níveis.

Significa também que os conteúdos, comportamentos e formas de raciocínio vinculados aos processos educacionais são, social e historicamente, determinados. Segundo Bueno e Pereira (2013), a educação é um fenômeno social-histórico-cultural e em toda sociedade existe órgãos formalmente delegados à ação educacional, entre eles, de maior reconhecimento social, a escola e a família.

Portanto, pais e professores sabem que têm o dever de promover o desenvolvimento de seus filhos e alunos, reconhecendo como meta do seu papel educativo o direcionamento desse

desenvolvimento para a formação de sujeitos adultos integrados e atuantes no contexto social de referência, escolhendo conscientemente os métodos para atingir esse objetivo.

No que tange ao fazer pedagógico, considera-se que é importante o auxílio da atuação do psicopedagogo na identificação dos objetivos e métodos pedagógicos, de modo preciso e sistemático, sobretudo, no caso da escola, que nesse sentido é um dos objetos de reflexão da pedagogia e o principal centro de referência para o desenvolvimento curricular.

Antigamente, o pedagogo era apenas uma pessoa cujo papel era acompanhar a criança à escola, trazendo-lhe o material, obrigando-a a repetir as aulas e acompanhando-a na execução das tarefas. “Dessa forma, o “pedagogo”, entre gregos, romanos e outros povos da Antiguidade, era o escravo que conduzia as crianças de casa até a escola” (Santos, 2014, p. 01).

Entre as definições possíveis de pedagogia, educação e escola, algumas recentes podem ser tomadas. A pedagogia requer interações significativas em sala de aula, entre educadores e alunos, com o objetivo de ajudar os discentes a desenvolverem o aprendizado anterior e a desenvolver habilidades e atitudes. Para os educadores, o objetivo é apresentar o currículo de uma forma que seja relevante para as necessidades dos alunos.

Moldada pelas próprias experiências do educador, a pedagogia deve levar em consideração o contexto em que ocorre, e com quem ocorre, a aprendizagem, pois não se trata dos materiais usados, mas do processo e da estratégia adotada para levar à realização de uma aprendizagem cognitiva significativa. Conforme já mencionado por Santos (2014) pedagogos eram escravos encarregados de levar os meninos à escola, ensinando-lhes boas maneiras e ministrando-lhes aula.

Com relação ao fazer pedagógico e a sua relação com a psicopedagogia, percebe-se que o psicopedagogo é um profissional com formação, geralmente, multidisciplinar, que inclui a própria pedagogia, a psicologia, a antropologia, a sociologia. Conforme explica Visca “a psicopedagogia deve visar o processo de aprendizagem humana, em que o objetivo do psicopedagogo seja trabalhar a sociedade em geral” (1991, p. 17).

O psicopedagogo é aquele profissional que atua em diferentes situações, que busca intervir e considerar as dificuldades dos alunos, sejam elas cognitivas, físicas e sociais. Crianças com dificuldades de aprendizagem podem se sentir negligenciadas ou desprezadas, recebendo frequentemente, *feedback* negativo das escolas e desenvolvendo uma compreensão adversa do mundo exterior.

Vale salientar que, além da intervenção, a avaliação psicopedagógica se constitui como um importante passo em que o profissional psicopedagogo garantirá que todos os aspectos que prejudicam a aprendizagem da criança sejam identificados, conforme explica Weiss:

Identificar os desvios e os obstáculos básicos no modelo de aprendizagem do sujeito que o impedem de crescer na aprendizagem no nível esperado pelo meio social. Assim, para conhecer esse modelo de aprendizagem, conta-se nos dois eixos descritos, com dados oriundos das observações da escola, da família e obtidos diretamente pelo terapeuta e por outros profissionais. Entendendo como o modelo de aprendizagem o conjunto dinâmico que estrutura os conhecimentos, o ritmo e as áreas de expressão, da conduta, a mobilidade e o funcionamento cognitivos [...] (Weiss, 2016, p. 35).

O atendimento psicopedagógico, referente a programas e práticas educacionais concebidos para alunos com Dificuldade de Aprendizagem (DA), sejam de cunho mental, físico ou emocional, requer abordagens de ensino, equipamento e cuidados especiais, dentro ou fora de uma sala de aula normal.

Não é fácil para crianças e adolescentes com algum tipo de deficiência acompanhar o ritmo de aprendizagem de outros alunos que não têm necessidades especiais, eles têm o direito de viver uma vida plena, explorando todo o seu potencial. Para Almeida (2002), uma criança ou adolescente pode precisar de repetidos ensinamentos e instruções antes de finalmente entender um conceito, organizando, assimilando e contextualizando o pensamento.

Por isso, o trabalho psicopedagógico é tão importante, uma vez que pode andar de mãos dadas com o pedagogo ou professor, trabalhando incansavelmente até que a criança tenha entendido qualquer conceito que esteja sendo ensinado. Nesse sentido, além do sistema escolar, o atendimento psicopedagógico é uma necessidade, e deve ser uma prioridade, pois, assim como os outros, as crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem têm o direito de receber uma educação adequada que as ajudem a progredir na escolarização.

2.2 Dificuldade de aprendizagem: dislexia e discalculia

Sabe-se que dar esperança às crianças e incentivá-las a ir além para alcançar o que pensam ser impossível é a maior recompensa para um educador, visto que, educadores engajados e dedicados podem fornecer diferentes oportunidades para crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem, abordando seus problemas de aprendizagem e ajudando-as a ter sucesso na vida escolar.

Para Correia e Martins (1999), dificuldades de aprendizagem dizem respeito a um grupo de desordem manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e uso da leitura, escrita e cálculo. A principal característica dessa categoria é justamente a especificidade, ou seja, o transtorno afeta um domínio específico e circunscrito de habilidades indispensáveis à aprendizagem. Referente ao conceito de dificuldades de aprendizagem é possível compreender que abrange muitos comportamentos.

Podemos considerar o problema de aprendizagem como um sintoma, no sentido de que não aprender não configura um quadro permanente, mas ingressa numa constelação peculiar de comportamentos [...] além disso, os autores que se dedicam a esse assunto usam os termos problemas e distúrbio de maneira indiscriminada (José; Coelho, 2002, p. 23).

Com base nas diferentes especificidades das dificuldades de aprendizagem, é possível listar algumas, como, por exemplo, a dislexia, que é uma deficiência de aprendizagem específica, caracterizada pela dificuldade de realizar uma leitura precisa ou fluente. No início do processo de escolarização, a criança apresenta dificuldade em reconhecer as letras do alfabeto, em estabelecer a correspondência entre signos e sons gráficos e em automatizar esse processo de conversão.

Salles e Navas (2017), na obra “Dislexia do Desenvolvimento e adquiridas”, explicam que um dos principais aspectos que deixa claro de que há um transtorno de leitura, diz respeito à falha no reconhecimento dos nomes das letras. Essa dificuldade afeta o aprendizado escolar e as atividades de vida diária que exigem a leitura de textos escritos.

Sabe-se que para cada pai e cada professor há algo de mágico na velocidade e naturalidade com que a maioria das crianças, em apenas meses de escola, aprendem a transformar aquele complexo sistema de símbolos, que é o alfabeto, em palavras significativas. Infelizmente, esse não é o caso para todas as crianças, visto que algumas não aprendem a ler ou, se o conseguem, fazem com grande dificuldade.

Em alguns casos, pais e professores ficam imediatamente alarmados, assumindo diagnósticos muito precoces e incorretos, para outros, entretanto, o tempo passa, esperando que o assunto passe. Prova disso é o fato de que, cada vez, com maior frequência, são solicitadas consultas para possíveis diagnósticos de distúrbio específico de aprendizagem da leitura em adultos, muitas vezes universitários, que enfrentam com grande dificuldade a escolaridade, embora com bons resultados, assim, o sentimento de baixa-estima merece uma atenção cuidadosa (Bonini, 2010).

Ao promover um estudo sobre a diferenciação de dificuldades de aprendizagem e distúrbios de aprendizagem, Leal e Nogueira (2012) explicam que as dificuldades de aprendizagem têm caráter provisório e referem-se a alguns tipos de desordem que interferem no ritmo e no tempo de aprendizagem. Os distúrbios de aprendizagem, por sua vez, referem-se ao funcionamento biológico do indivíduo.

Sobre a Dislexia, embora por alguns anos tenha-se ouvido falar com frequência sobre dislexia, para muitos ainda não está totalmente claro o que significa esse termo. O significado da palavra dislexia pode ser rastreado na língua grega, indicando uma disfunção no uso de palavras

ou linguagem, no entanto, a dislexia não tem a ver com a linguagem como um todo, mas, em particular, com a leitura. Ela pode surgir tanto em pessoas que já aprenderam a ler quanto em crianças que nunca aprenderam a fazê-lo corretamente. No primeiro caso, fala-se de “dislexia adquirida”, ou “dislexia em adultos”, uma vez que afeta adultos e depende de um trauma cerebral ou doença neurológica que afeta áreas do hemisfério esquerdo do cérebro. A forma de dislexia que surge em crianças durante o aprendizado é chamada de dislexia do desenvolvimento.

Spear-Swerling e Sternberg (1996) classificaram os disléxicos quanto ao nível de leitura, ou seja, em leitores não alfabéticos, compensatórios, não automáticos e tardios. Desde os primeiros meses, a criança com dislexia pode apresentar certa lentidão no aprendizado da leitura, esforçando-se para memorizar as letras do alfabeto e muitas vezes as confunde.

Algumas crianças ou adolescentes confundem letras com características visuais semelhantes, outras tendem a confundir letras com som, pronúncia e local de articulação semelhantes, como “f” e “v” ou “t” e “d”. Obviamente, todas as crianças, em seus primórdios, no mundo da leitura cometem esses tipos de erros, mas eles os superam depois de apenas alguns meses de escola.

Segundo Bonini (2010), alguns podem continuar a precisar fazer um esforço para entender instruções, apresentando pouco vocabulário para a produção de frases, o que os leva a serem particularmente lentos e imprecisos na leitura e, sobretudo, a cansar-se de realizar essa atividade. Outros sintomas da dislexia podem se manifestar mais tarde, quando a criança deve ler palavras e frases com fluência. Nesse momento, torna-se possível começar a distinguir as duas formas de dislexia do desenvolvimento, a fonológica e a superficial ou visual-global.

Por sua vez, no que diz respeito a discalculia do desenvolvimento, segue-se os critérios de diagnósticos do DSM - V, um termo que diz respeito, em particular, à incapacidade de aprender e automatizar os mecanismos de cálculo ou contagem numérica, bem como os processos de leitura ou escrita de números e ou armazenamento de tabelas. A incapacidade de aprender pode envolver todos os processos descritos ou apenas alguns deles, por isso é possível que uma criança não consiga aprender a tabuada, mas não tenha dificuldade em gerir números, contar e procedimentos, ou vice-versa (DSM-V, 2014).

Tal como acontece com todas as outras dificuldades de aprendizagem, esse distúrbio pode ser observado em crianças e jovens com inteligência normal, sem qualquer déficit sensorial ou distúrbio neurológico, assim, não depende de não ter estudado o suficiente, mas do fato de que, apesar do estudo e compromisso, não consolida certas aprendizagens (Villar, 2017).

Existem também formas de discalculia não evolutiva, nesse caso, fala-se de discalculia adquirida, que, conforme comenta Santos (2020), pode ocorrer em decorrência de lesão cerebral no sujeito que, jovem ou adulto, havia desenvolvido habilidades matemáticas adequadas antes do dano.

No entender de Wajnsztein e Wajnsztein, “essa dificuldade específica na matemática pode ocorrer concomitantemente a outros transtornos de aprendizagem como: TDAH, Dislexia, atraso de linguagem” (2009, p. 187). As discalculias adquiridas, entretanto, não estão incluídas no TEA, precisamente porque não têm um início evolutivo e, em vez disso, estão ligadas a traumas cerebrais ou doenças neurológicas particulares.

Segundo os estudos de Oliveira (2017), a discalculia do desenvolvimento tende a se manifestar durante os primeiros anos do ensino fundamental. Desde o início, as crianças com discalculia mostram dificuldade em aprender habilidades matemáticas básicas, fazer cálculos simples ou memorizar tabuadas, porém, o diagnóstico de discalculia só pode ser feito a partir do final da terceira série do ensino fundamental, a fim de reduzir o número dos chamados falsos positivos, uma vez que, aquelas crianças que têm um ritmo de aprendizagem mais lento, mas que nos primeiros três anos da escola podem recuperar, espontaneamente, suas dificuldades e acompanhar o ritmo de seus pares.

A Discalculia ou transtorno específico da habilidade em aritmética ou transtorno da Matemática, portanto, manifesta-se através da dificuldade para realizar operações elementares de adição, subtração, multiplicação e divisão, sem que seja resultado de um ensino inadequado ou retardo mental global (Word, 1993).

As dificuldades de compreensão e produção numérica não dizem respeito apenas à leitura e escrita de números, mas também, de forma mais geral, aos mecanismos de contagem. Crianças e adolescentes com esse tipo de dificuldade geralmente memorizam a sequência de números mais lentamente e realizam a contagem ascendente e descendente com maior esforço. Além disso, muitas vezes já são observadas dificuldades na memorização dos números, o que inevitavelmente leva à sua compreensão e transcrição incorretas.

2.3 Importância das intervenções psicopedagógicas

Sabe-se que a psicopedagogia tem como meta entender o processo de aprendizagem e todo o processo de desenvolvimento do sujeito, considerando como ocorrem as transformações em relação ao aprender, além de considerar o processo de inter-relação de aspectos sociais, emocionais, culturais e pedagógicos. Os psicopedagogos trabalham em diferentes áreas, seja escolar, hospitalar ou organizacional.

No contexto escolar, as intervenções visam atender crianças, adolescentes ou jovens, auxiliando em suas dificuldades de aprendizagem. Algumas áreas em que as intervenções são essenciais, dizem respeito à leitura e escrita, ou nas habilidades matemáticas. Auxílios e ferramentas interventivas devem ser usadas para aprimorar as habilidades das crianças que possuem algum tipo de dificuldade, assim, sobre o papel do psicopedagogo, foi enfatizado que:

O psicopedagogo precisa estar atento às inúmeras possibilidades de intervenção, levando em conta as dificuldades apresentadas pelos clientes que buscam sua ajuda bem como a própria disponibilidade frente a novos aprendizados demonstrados por estes (Gamba; Trento, 2009, p. 02).

Frequentemente, os auxílios usados para intervir nas dificuldades de aprendizagem devem ser levados em consideração, de modo que os psicopedagogos devem apresentar ideias e proposições que atendam aos requisitos específicos e a uma metodologia que venha a tornar o aprendizado mais fácil para o aluno com DA. Se uma ferramenta não funcionar, deve ser eliminada e outra ferramenta mais adequada deve ser usada em seu lugar.

Essas ferramentas devem ser implementadas após uma avaliação psicopedagógica e, em muitos casos, acompanhada por um projeto educacional personalizado, com considerações dos conselhos educacionais para a escola e a família. A escola, depois da família, é o principal local de formação e socialização do indivíduo, portanto, um dos pilares sobre o qual se alicerça para a promoção do bem-estar psicofísico e emocional das crianças.

Fica evidente, assim, a necessidade de estabelecer espaços de comunicação constante e contínua ao longo do ano letivo, com o objetivo de adquirir, processar, tratar e melhorar todas as dificuldades e problemas de alunos com DA, de forma a enriquecer os contextos de vida das crianças e adolescentes, intervindo em diferentes níveis, tanto para os sujeitos envolvidos como para as diferentes fases do ano letivo.

Uma ferramenta bastante interessante a ser utilizada na intervenção psicopedagógica é o lúdico, pois os jogos pedagógicos podem ser utilizados como um fator de aprendizagem, por exemplo, um jogo é algo desafiador que requer habilidades. Crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem são alguns dos principais beneficiários das ferramentas psicopedagógicas que envolvem a aprendizagem. Nesse sentido, jogos e ferramentas lúdicas envolventes promovem maiores oportunidades de aprendizagem e prática contínua.

Muitas crianças com deficiência de aprendizagem precisam de repetição para transformar as oportunidades de aprendizagem em conhecimento cristalizado. Os psicopedagogos têm como principal função enriquecer o ambiente de aprendizagem:

Psicopedagogos trazem para o contexto escolar um novo universo. Enriquecem a pauta de discussão com novos elementos, resultados de um outro olhar: o olhar psicopedagógico. Assustadoramente, algumas vezes, punham em xeque tudo aquilo que era tido como indiscutível, punham em xeque o olhar pedagógico, defendendo possibilidades e potenciais já desacreditados. São profissionais capazes de com base na articulação de diversos fatores, compreendendo os maus resultados e sugerindo novos caminhos para a intervenção (Lanjoquiére, 2007, p. 35).

O psicopedagogo pode utilizar uma caixa de ferramentas, que deve estar equipada com testes específicos para o reconhecimento da dislexia em crianças e adolescentes. Além disso, pode-se utilizar diferentes tipos de testes padronizados para a avaliação da leitura em crianças, adolescentes e adultos. A importância dessas ferramentas reside no fato de serem calibradas para diferentes faixas etárias e anos de escolaridade, permitindo medir a discrepância entre as competências que uma criança ou adolescente possui e as que deveria possuir, de acordo com o que se detecta, avaliando o funcionamento de processos específicos de leitura.

Em casos de dislexia em crianças, portanto, percebe-se que é essencial iniciar um caminho de aprimoramento que ajude a criança a automatizar alguns procedimentos, a ler mais rápido, a aumentar o número de palavras visualmente reconhecíveis e, portanto, a melhorar a compreensão do texto. Existem no mercado, como recursos gratuitos, centenas de cadernos ou softwares multimídia que podem ser utilizados pelos psicopedagogos e, em alguns casos, até pelos próprios pais.

Para Safra (2005), é de fundamental importância que dentro de um espaço de aprendizagem sejam utilizadas ferramentas lúdicas, visto que, por si só já são terapêuticas. O brincar é uma projeção de conteúdos internos, passível de leitura por parte do terapeuta, especialmente no jogo simbólico, em que as crianças se colocam em transformação.

Portanto, no contexto do processo ensino-aprendizagem, a contribuição de diferentes ferramentas psicopedagógicas é essencial, permitindo que educadores e psicopedagogos revejam suas práticas de ensino, adaptando o processo de ensino aprendizagem do aluno com DA aos melhores recursos.

3 Metodologia

Essa pesquisa foi composta de procedimento metodológico bibliográfico, em que foi possível analisar todas as especificidades acerca da respectiva temática, nesse sentido, esse trabalho contém contribuições de estudos e pesquisas que buscaram, de alguma forma, dar respostas acerca da importância da psicopedagogia para o desenvolvimento de habilidades de crianças e adolescentes com problemas de aprendizagem.

Vale salientar que a base do estudo se deu a partir da pesquisa de palavras-chave, como: psicopedagogia e dificuldades de aprendizagem, concentrando a revisão da literatura na coleta de informações sobre as intervenções psicopedagógicas e a sua importância para o ensino de crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem.

Nesse estudo, dentre outros, foi dado destaque para os autores que abordam as implicações do lúdico como uma ferramenta eficaz para o desenvolvimento das habilidades de alunos com DA, e o potencial que os jogos pedagógicos representam no processo de aprendizagem, visto que se concentram nas necessidades cognitivas especiais do indivíduo.

Muitos são os estudos sobre o ensino da leitura para alunos em geral, contudo, na contemporaneidade, tem ocorrido uma crescente base de conhecimento sobre como ajudar os alunos que têm dificuldade em ler e escrever. Portanto, grandes desafios têm se apresentado aos psicopedagogos, pois são os principais responsáveis pela implementação de intervenções psicopedagógicas no processo de ensino e de aprendizagem de crianças e adolescentes com DA.

4 Considerações finais

Os estudos realizados nessa pesquisa foram essenciais, pois contribuíram para a aquisição de novos conhecimentos com relação às responsabilidades do psicopedagogo no que diz respeito ao aluno com dificuldades de aprendizagem. Foi possível, assim, constatar que um psicopedagogo que trabalha no ambiente escolar deve possuir qualidades, como: ser organizado, paciente, intuitivo, criativo, detalhista, trabalhador, otimista, adaptável, ter bom humor, amor pelas crianças e amor pelo ensino.

Por muito tempo as crianças com necessidades especiais ou com dificuldades de aprendizagem foram excluídas dos benefícios e intervenções pedagógicas. No entanto, isso não é o caso quando os alunos com dificuldades de aprendizagem têm bons educadores. A parte mais gratificante de ser um bom psicopedagogo é a capacidade de causar bons resultados no ensino dos alunos com DA, levando em conta a readaptação das atividades pedagógicas. Além do desenvolvimento de estratégias e intervenções psicopedagógicas, que visem promover a autonomia dos alunos, produzindo uma leitura fluente com oportunidades para a escrita, incluem-se atividades informais de leitura que se constituem como algumas das intervenções essenciais no contexto escolar.

Na implementação de uma ampla variedade de materiais de leitura para quem tem dificuldade em ler, a metacognição é um aspecto importante da experiência de aprendizagem. O objetivo de intervenção é que a criança e adolescente se tornem alunos construtivos, aprendendo

e tornando-se alunos autorregulados. Portanto, qualquer abordagem psicopedagógica que vise melhorar as habilidades cognitivas dos alunos se torna extremamente importante.

Referências

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

ALMEIDA, L. S. Facilitar a aprendizagem: ajudar os alunos a aprender e a pensar. **Rev. Psicologia Escolar Educacional**, v. 6, n. 2, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572002000200006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/cGwP8VQynhXsDDdcXCsRK3R/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 02 jul. 2021.

BARONE, L. M. C.; ANDRADE, M. S. **Aprendizagem Contextualizada**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

BONINI, F. V. Problemas emocionais em um adulto com dislexia: um estudo de caso. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 27, n. 83, 2010. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862010000200016. Acesso em: 02 jul. 2021.

BUENO, A, M, O; PEREIRA, E. K. R. O. **Educação, escola e didática: uma análise dos conceitos das alunas do curso de pedagogia do terceiro ano – UEL**. 2013. *In*: Jornada de Didática e I Seminário de Pesquisa do CEMAD, 2., 2013, Londrina. Anais[...]. Londrina: Cemad, 2013. Disponível em: <https://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/page>. Acesso em: 02 jul. 2021.

CORREIA, L. M.; MARTINS, A P. **Dificuldades de aprendizagem: o que são? como entendê-las?** Porto: Porto Editora, 1999.

DSM-V. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-V** (American Psychiatric Association). 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <https://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2022.

GAMBA, A B; TRENTO, V. A. O Projeto de trabalho como mediador de aprendizagem no espaço clínico. *In*: Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, 9., São Paulo, 2009. **Anais [...]**. São Paulo: ESBP, 2009. Disponível em: <https://silo.tips/download/o-projeto-de-trabalho-como-mediador-de-aprendizagem-no-espao-clinico>. Acesso em: 15 jan. 2022.

HADDAD, M. E. **Psicopedagogia**. Curitiba: Contentus. 2020.

JOSÉ, E. A.; COELHO, M. **Problemas de Aprendizagem**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2002.

KLEINKE, R. C. M. **Aprendizagem significativa: a pedagogia por projetos no projeto de alfabetização**. 2003. 129 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/84933/192826.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2021.

LANJOQUIÈRE, L. **De Piaget para Freud: para repensar as aprendizagens**. A (psico) pedagogia entre o conhecimento e o saber. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LEAL, D; NOGUEIRA, M. **Dificuldades de aprendizagem: um olhar psicopedagógico**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

LIMA, M. C. B; CASTRO, G. F; ARAÚJO, R. M. X. Ensinar, formar, educar e instruir: a linguagem da crise escolar. **Rev. Ciência e Educação**, v. 12, n. 2, p. 235-245, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-73132006000200009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/K374sMkh68vT66kw8z6bQbM/>. Acesso em: 02 jul. 2021.

OLIVEIRA, S. R. S. **Discalculia: particularidades que dificultam o aprendizado de matemática no ensino fundamental/9**. 2017. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) — Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2017. Disponível em: https://bdm.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/469/1/TCC_DiscalculiaParticularidadesDificultam.pdf. Acesso em: 28 jun. 2021.

PILETTI, N. **Psicologia Educacional**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2004.

SAFRA, G. **Curando com histórias**. São Paulo: Sobornost, 2005.

SALLES, J. F.; NAVAS, A. L. **Dislexias do Desenvolvimento e Adquiridas**. São Paulo: Pearson Clinical Brasil, 2017.

SANTOS, M. P. S. As múltiplas identidades profissionais do pedagogo: da Grécia antiga aos dias atuais. **ProfessorNews**, 20 maio 2014. Disponível em: <https://professornews.com.br/component/content/article?id=5969:as-multiplas-iden->. Acesso em: 28 jun. 2021.

SANTOS, V. M. **Dificuldade de aprendizagem da matemática: discalculia**. 2020. 35f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicopedagogia e Educação Infantil) — Instituto Superior de Educação do Vale de Juruema (AJES), Alta Floresta-RO, 2020. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/psicologia/dificuldade-aprendizagem-matematica-discalculia.htm>. Acesso em: 23 jul. 2021.

SPEAR-SWERLING, L; STERNBERG, R. J. **Fora do caminho: quando os leitores pobres se tornam “Dificuldades de aprendizagem”**. Boulder: West view Press. 1996.

TERRA, M. L. E. **História da educação**. São Paulo: Pearson, 2014.

VILLAR, J. M. G. **Discalculia na sala de aula de matemática: um estudo de caso com dois estudantes**. 2017. Dissertação (Mestrado em Matemática) — Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2017. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/ppgedumat/wp-content/uploads/sites/134/2011/05/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Discalculia-conclu%C3%ADdo-1.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2021.

VISCA, J. **Psicopedagogia**: Novas contribuições. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

WAJNSZTEJN, A. C; WAJNSZTEJN, R. **Dificuldades escolares**: um desafio superável. 2. ed. São Paulo: Ártemis, 2009.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia clínica**: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.

WORD Health Organization Geneva. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10** - Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artmed, 1993.